

sobre tudo

HÍBRIDA ANCESTRAL - GUARDIÃ BRASILEIRA: UMA DISCUSSÃO PARA ALÉM DA ESTÉTICA

Daiane Cristina Faust

Isabel Cristina Dalmoro

Celso Eduardo Santos Ramos

Resumo: Este artigo apresenta uma estratégia didático-pedagógica de caráter transversal, aplicada em duas turmas do 3º ano do Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul, via *Google Classroom*, durante o ensino remoto emergencial no ano de 2020. Trata-se de uma proposta norteadas pela seguinte questão: enquanto componente curricular escolar, como a Filosofia pode contribuir para uma educação antirracista? Em vista disso, o objetivo do texto é promover uma prática escolar voltada ao combate do racismo por meio da problematização da questão de gosto, tendo como foco o caso da obra **Híbrida Ancestral - Guardiã Brasileira** (2018), da artista Criola. Como metodologia de análise das produções discursivas elaboradas pelos estudantes optou-se pela técnica de pesquisa qualitativa da observação participante, de acordo com Menga Lüdke e Marli André (1986). Djamila Ribeiro (2019, 2021), Grada Kilomba (2019) e Silvano Almeida (2018) constituem o referencial teórico essencial à reflexão crítica acerca de atitudes e discursos racistas, bem como no que diz

respeito às ações de combate. Em face do exposto, destaca-se que a estratégia de ensino-aprendizagem adotada potencializou os saberes transversalizados e mostrou-se favorável à luta antirracista. Conclui-se ainda que a experiência realizada seja passível de reprodução e/ou adaptação para outros espaços formativos, o que tende a fortalecer essa causa tão urgente.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Transversalidade; Educação Antirracista

Abstract: This article presents a didactic-pedagogical strategy of a transversal character, applied in two senior year groups of a Public State High School in Rio Grande do Sul, Brazil, via Google Classroom in emergency remote schooling in 2020. The proposal is guided by the question: as a curricular component of schools, how Philosophy can contribute for an anti-racist education? Thus, the objective of the text is to promote a school practice aiming to fight racism through the problematization of matters of taste, having as a focus the work **Híbrida Ancestral – Guardiã Brasileira** (2018), by the artist Criola. As methodology of analysis of the discursive productions of the students, we chose the qualitative research technique of participant observation, by Menga Lüdke and Marli André (1986). Djamila Ribeiro (2019, 2021), Grada Kilomba (2019) and Silvio Almeida (2018) build the bibliography, essential to the critical reflexion about racist attitudes and discourses as well as anti-racist actions. Therefore, we highlight that the teaching-learning strategy adopted potentialized the transversalized knowledge and it is favourable to the anti-racist cause. It is also concluded that this experience is replicable and/or adaptable to other teaching spaces, tending to strengthen this urgent cause.

Keywords: Philosophy Teaching; Transversality; Anti-Racist Education

A modo de introdução

Racismo estrutural, racismo institucional, racismo cotidiano e educação antirracista são os conceitos disparadores desse relato de experiência docente na Educação Básica. Ao estudarmos esses termos, especificamente na obra **Pequeno Manual Antirracista** (2019), da filósofa brasileira Djamila Ribeiro, encontramos nosso problema de pesquisa: enquanto componente curricular escolar, como a Filosofia pode contribuir para uma educação antirracista? Em vista disso, nosso artigo propõe uma estratégia didático-pedagógica de caráter transversal, dado que envolve elementos de Ética, Estética e Filosofia da Arte. O objetivo do texto é promover uma prática escolar voltada ao combate do racismo por meio da problematização da questão de gosto, tendo como foco uma obra de arte urbana (grafite) recentemente envolvida em uma polêmica ligada à temática racial.

Nosso lugar de fala é o *chão da escola*. Somos professoras graduadas em Filosofia e atuamos na Educação Básica. Somos pesquisadoras da educação. Pesquisamos sobre temas e estratégias para o ensino da disciplina, buscando a atualização e a contextualização desses temas à realidade dos nossos estudantes. Somos mulheres e como identidade étnico-racial nos autodeclaramos brancas. Admitimos que nossa branquitude nos coloca em posição de privilegiadas. Nos consideramos também ativistas em construção na luta antirracista, afinal “o antirracismo é uma luta de todas e todos” (RIBEIRO, 2019, p. 15). Reconhecendo que nosso engajamento deve ser ampliado, pensamos na promoção de aprendizagens que envolvam ações efetivas e articuladas. Por conta disso, ou seja, da urgência em tratarmos sobre a educação antirracista, dialogamos, por meio de leituras e estudos, com autores e autoras negras que defendem e indicam caminhos não somente para a reflexão do tema, mas também para a promoção de ações contra atitudes racistas institucionalizadas e estruturadas no

nosso cotidiano. Alguns desses autores nos ajudam a pensar a elaboração e a reflexão da estratégia acima mencionada. São eles: Djamila Ribeiro (2019, 2021), Grada Kilomba (2019) e Silvio Almeida (2018).

Entendemos a Filosofia de acordo com a perspectiva foucaultiana que a descreve como um movimento que possibilita um deslocamento dos nossos pensamentos para pensarmos de outra maneira e assim nos tornarmos diferentes do que somos (FOUCAULT, 2015). Somamos a isso a ideia sobre a autoatualização pedagógica dos professores, defendida por Bell Hooks¹³ (HOOKS, 2017). Para a autora, a importância da autoatualização dos profissionais da educação envolve a escolha do tipo de professor (a) que se quer ser. Passa por perceber as próprias limitações dos seus conhecimentos, partilhar suas experiências e por buscar o prazer na sala de aula. Ademais, ao adotarmos elementos de Estética e Filosofia da Arte em nossa estratégia de ensino, consideramos a arte como aquilo que possibilita a cura para nosso próprio discernimento.

Isso posto, na segunda seção do artigo lançamos nosso olhar para alguns termos recorrentes na legislação educacional brasileira e analisamos brevemente aspectos relacionados ao lugar da Filosofia no novo desenho curricular da Educação Básica indicado pela **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). No que diz respeito à transversalidade, nos valem das ideias do professor e pesquisador Ronai Rocha. Já no que se refere particularmente à relação entre Ética e Estética, recorremos aos escritos de Nadja Hermann, haja vista que quando falamos de racismo e de práticas antirracistas, nos inserimos também no campo da Ética.

¹³ Mantemos em letras minúsculas o nome e sobrenome de “bell hooks”, considerando esse o modo como a autora utiliza para falar de si mesma, ou seja, sua “voz de escritora” (HOOKS, 2017, p. 64). Para referências, seguimos as orientações da ABNT.

Para atender ao objetivo proposto inicialmente, na terceira seção expomos a possibilidade de transversalização entre a Filosofia e a Arte, seguida da descrição do caso **Híbrida Ancestral – Guardiã Brasileira** (2018), da artista¹⁴ Criola, por meio do qual realizamos a problematização da questão de gosto. Ao encontro disso, na quarta seção apresentamos os momentos da nossa proposta didático-pedagógica aplicada em duas turmas do 3º ano do Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul, via *Google Classroom*, durante o ensino remoto emergencial no ano de 2020, período da pandemia de Covid-19. Sobre a experiência realizada, promovemos atravessamentos de algumas falas dos estudantes com os escritos dos autores já mencionados. Além disso, ensaiamos uma análise reflexiva, considerando aspectos filosóficos, éticos e políticos dos resultados alcançados, baseadas nas ideias sobre metodologias de pesquisa de Lüdke e André (1986).

E por fim, trazemos breves considerações de desfecho sobre o exercício prático e teórico exposto no presente artigo, entendendo que estas não esgotam as possibilidades de transversalização entre temas filosóficos, outros componentes curriculares e a educação antirracista.

1. Filosofia e transversalidade na Educação Básica

Antes de qualquer coisa, é preciso considerar que a reforma do Ensino Médio, ainda em fase de experimentação, traz consigo a desobrigação do ensino de Filosofia enquanto disciplina, algo que consideramos preocupante. Na BNCC ela está situada entre as competências e habilidades das diferentes áreas do conhecimento e, em especial, nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), ficando

¹⁴ O neologismo faz referência a artistas que se utilizam da própria arte como uma forma declarada de ativismo.

por conta da escola e, conseqüentemente, dos professores a tarefa de encontrar maneiras para trabalhá-la. Assim, no que diz respeito aos arranjos curriculares que envolvem os conteúdos de Filosofia, agora que estão diluídos, nos deparamos com mais um desafio: como aderir ao que nos é orientado sem, no entanto, ignorar as particularidades do nosso campo de formação? Nessa direção, cabe ainda outro questionamento: afinal, qual Filosofia desejamos que esteja presente na escola?

Ao debruçar-se sobre os documentos que regem as questões ligadas ao currículo escolar, Rocha (2010, 2015, 2017) faz uma busca ao modo como é aplicado o termo interdisciplinaridade. Segundo ele, “[...] as caracterizações da interdisciplinaridade usualmente são feitas de modo vago e raramente é dito o que ela é” (ROCHA, 2017, p. 99). No exercício da docência, muitas vezes, sentimos essa vagueza citada pelo autor. Uma boa maneira de ilustrar isso é que quando recorremos à BNCC, não encontramos nem descrição, nem aporte teórico que sustentem tal conceito, apenas ocorrências do termo precedido de palavras como “organização”, “natureza” e “estudo”. O mesmo acontece com transversalidade, onde nos deparamos com aparições do tipo “forma” ou “tratamento transversal”. No caso do termo transdisciplinaridade o problema se repete: fala-se, por exemplo, na adoção de metodologias que a coloquem em evidência, mas não há qualquer menção ao seu significado.

Ainda com relação à transversalidade no âmbito escolar, e no que tange à Filosofia e seu lugar no currículo, Rocha (2015, 2017) defende a necessária interação entre os conteúdos da disciplina com aquilo que é desenvolvido nos demais componentes curriculares, entendidos por ele como distintas *formas de apresentação* da realidade e não uma *fragmentação* dela (ROCHA, 2017, p. 97, grifos do autor). É preciso identificar conceitos transversais que perpassam as diferentes áreas do saber já na fase de planejamento do currículo, isto é, a transversalidade

não deve ser um dos objetivos visados pelo ensino, mas sim estar presente já no processo de elaboração curricular.

A noção de transversalidade com a qual Rocha trabalha, também nomeada *transversalidade pedestre*, está longe de se assemelhar, segundo Secco (2015), à noção de interdisciplinaridade quando entendida como uma “vontade de totalização” (ALENCAR, 2016, p. 87), ou seja, como um elemento que tem potencialidade de dar unidade aos diferentes saberes, no qual se deposita também certa valorização na construção de conhecimentos de forma integrada e contextualizada. Ao invés disso, a transversalidade pedestre deve ser pensada como “um andar lado a lado” (SECCO, 2015, p. 19) entre as disciplinas que fazem parte do currículo escolar, na tentativa de encontrar possíveis direções para uma abordagem transversal, “[...] enfrentando a constatação de que quase tudo ainda está por ser feito no ensino de filosofia” (SECCO, 2015, p. 21).

De nossa parte, adotamos na atividade docente o conceito de transversalidade pedestre, proposto por Rocha, da mesma maneira que consideramos indispensável manter o caráter próprio da Filosofia, isto é, suas especificidades, tais como argumentação, temas e problemas filosóficos, uma vez que “[...] é preciso ter em mente as especificidades das disciplinas envolvidas, confrontá-las e se assegurar de que as estratégias de ensino adotadas tendem a levar ao curso efetivo de seus objetivos [...]” (ALENCAR, 2016, p. 80). Vale lembrar que, se por um lado nos dispomos a tentar compreender os documentos da área da educação e a pensar em estratégias de ensino-aprendizagem que levem em conta seu conteúdo, seja ele orientador ou normativo, por outro, não abrimos mão da crítica e até mesmo da refutação diante de proposições descabidas.

Ademais, em vista da real perda de espaço que a Filosofia enfrenta nos currículos escolares, nossa proposta encontra respaldo na carta aberta do Grupo de Trabalho (GT) Filosofar e Ensinar a Filosofar

da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), publicada em abril de 2021 nos canais oficiais de comunicação da entidade. Nela há uma análise das competências listadas pela BNCC e uma tabela com sugestões de conteúdos próprios da Filosofia que podem ser transversalizados. Nessa direção, aproximamos nossa atividade que envolve a Estética, a Filosofia da Arte e a Ética com as competências “repertório cultural” e “princípios éticos e democráticos”, respectivamente (ANPOF, 2021, p. 4 - 5).

Como bem comenta Hermann (2005, p. 70), “[...] a estética dispõe de força para que a aplicação dos princípios [éticos] seja reinterpretada pelo filtro da sensibilidade e não como uma rígida aplicação [...]”. Ou seja, engana-se aquele que pensa que a estética se opõe à ética. Na verdade, ela não nos aparta dos princípios éticos, mas sim cumpre um papel decisivo no julgamento moral.

Imagem 1: Transversalização entre Filosofia e Arte:
o caso Híbrida Ancestral



Fonte: CRIOLA. **Híbrida Ancestral - Guardiã Brasileira.**
Arte Fora do Museu (2018).

Filosofia e Arte gozam da característica de provocar questionamentos a partir dos desafios propostos ao nosso intelecto. Por meio delas, experimentamos outras possibilidades de conhecimentos, ora pela ótica dos filósofos, ora pela ótica dos artistas. A Filosofia e a Arte nos convidam a olhar o mundo de outro modo, pois elas, de acordo com Feitosa (2004, p. 26) “desconfiam do mundo tal como o conhecemos, preparando o terreno para a construção de outros mundos”. Trata-se de dois saberes que se cruzam, se transversalizam. Essa parceria vai além de explicar conceitos por meio de ilustrações, envolve questionamentos para os quais “não há respostas prontas, nos instigando a pensar” (FEITOSA, 2004, p. 8).

Um bom exemplo disso é o grafite¹⁵, arte urbana proveniente de um movimento contracultural iniciado em Paris em 1968, tendo se espalhado pelo mundo posteriormente, sobretudo ao final da década de 1970, com o trabalho emblemático do artista Jean-Michel Basquiat, em Nova York. Dito de maneira simplificada, o termo se refere a pinturas e desenhos, geralmente de teor contestatório, produzidos em lugares públicos das cidades, tendo muros e paredes de edificações como tela, peculiaridade essa que, ao longo da história, fez e ainda faz com que o seu valor enquanto obra de arte seja questionado.

Atualmente, a despeito da popularidade e do reconhecimento internacional atribuídos às composições de grafiteiros como os irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo — Os Gêmeos —, não raro, o grafite ainda é classificado como poluição visual. Tal manifestação artística é, muitas vezes, lançada à marginalidade ou ainda, ao apagamento literal e metafórico, a exemplo do polêmico episódio ocorrido em 2017, quando João Dória (PSDB), à época prefeito da cidade de São Paulo, decidiu

¹⁵ Adotamos a tradução do Português brasileiro, embora circulem no país outras versões, como “grafitti” (em italiano) e “grafiti” (aportuguesamento do italiano).

cobrir de cinza aquele que era considerado o maior mural de grafite a céu aberto da América Latina, localizado na Avenida 23 de Maio.

A arte do grafite, entretanto, provoca questionamentos, e nesse sentido, também é resistência e libertação, porque

[...] propicia para quem a vê a possibilidade de desnaturalização das desigualdades, convida a um momento de reflexão sobre os problemas sociais tão naturalizados e invisibilizados de nosso cotidiano (CAFÉ, 2021, transcrição de vídeo).

Compreender esse modo de expressão artística contemporânea como um meio de resistência, com apelo à criatividade, se mostra como um caminho para o enfrentamento ao racismo estrutural impregnado na nossa sociedade (CAFÉ, 2021).

Em face do exposto, trazemos à baila um caso representativo e impactante, que inevitavelmente nos convoca a pensar. Em novembro de 2018, a artista mineira Tainá Lima, mais conhecida por seu nome artístico Criola pintou um painel de 1.365 m² na fachada cega do edifício Chiquito Lopes, localizado na Rua São Paulo, nº 351, Centro de Belo Horizonte, sua cidade natal. Trata-se do mural intitulado **Híbrida Ancestral - Guardiã Brasileira**, uma obra integrante do Circuito Urbano de Arte (CURA), a saber, o maior festival de arte pública de Minas Gerais. No ano anterior, como parte do circuito, deu-se início a um festival de pinturas em empenas de prédios e paredes sem aberturas, cujo resultado foi a criação de um mirante de arte com reconhecimento internacional. A obra citada, assim como outros trabalhos da artista, é fruto de suas inquietações, pesquisas e reflexões acerca do universo feminino e dos povos originários, como ela mesma avalia:

Eu sou uma pessoa inconformada com as coisas que eu vejo e escolhi a arte para narrar aquilo que eu acredito... Por enquanto, eu tenho necessidade

de falar sobre questões de valorização da mulher negra, dos povos originários, da nossa identidade real e tirar camadas de padrões que colocaram na gente e que a gente acha que é o normal, mas não é (CURA, 2018, transcrição de vídeo).

Nessa direção, podemos dizer que Criola mergulha em sua própria ancestralidade, abusando das cores vibrantes em suas criações com grafite e lançando-se, dessa forma, em um duplo movimento: de reverência a um passado tão importante quanto sofrido e preterido *na e pela* História do Brasil e do mundo e, ao mesmo tempo, de afirmação de si enquanto mulher, negra, artista e ativista, promovendo também o empoderamento de outras pessoas. É como ela própria diz: “[A arte] cura a gente primeiro, para depois curar os outros” (CURA, 2018, transcrição de vídeo).

Contudo, ainda em 2018, durante a execução do projeto, um homem branco, morador do edifício no qual Criola produzia seu painel **Híbrida Ancestral**, não conformado com a intervenção artística, resolveu entrar na justiça para que fosse providenciado o apagamento da obra. Antes disso, todos os membros do Conselho Consultivo do Condomínio, com exceção do próprio morador que moveu a ação, foram favoráveis à permanência do grafite. O trabalho artístico, inclusive, recebeu apoio financeiro da prefeitura da cidade e teve sua relevância publicamente reconhecida. Também o CURA ingressou na causa a fim de garantir o interesse da maioria dos moradores e preservar a artista e sua criação. Mesmo assim, o sujeito seguiu com a alegação de que somente se todos os condôminos estivessem de acordo com a realização da obra é que ela poderia permanecer. Para tanto, tomou por base a Lei nº 4591/1964, já superada pelo Código Civil de 2002.

O que chama a atenção nesse caso é que, ao tentar argumentar, o tal morador teria alegado não se tratar de “uma simples pintura”, mas

sim de “uma decoração de gosto duvidoso” (*sic.*) e que, portanto, não deveria ocupar aquele espaço de ampla visibilidade. Cabe explicar que Híbrida Ancestral tem como protagonista uma mulher negra e despida, pintada em proporção gigante, algo extremamente simbólico, sobretudo no contexto brasileiro, onde pessoas negras são diariamente massacradas, marginalizadas e invisibilizadas, ainda que constituam a maioria numérica da população. Há ainda outros componentes emblemáticos, como as formas geométricas empregadas, precisamente triângulos invertidos, os quais representam a feminilidade no interior de várias culturas. Também a alocação de um útero fora do corpo da mulher, posicionado sobre uma de suas mãos, evidencia o poder feminino. Ao mesmo tempo, vemos o atravessamento desse corpo por uma serpente, elemento paradoxal, frequentemente relacionado às ideias de traição e de pecado, mas que também pode associar-se à noção de ascensão espiritual e renovação, como ocorre em diferentes perspectivas ancestrais. A obra, em sua totalidade, não só faz um verdadeiro resgate de signos identitários (das mulheres, dos negros e indígenas, grupos historicamente discriminados no país), como também afronta os padrões sociais.

Após o ocorrido, em entrevista concedida ao Jornal Estado de Minas, Criola teceu alguns comentários sobre a polêmica. Para ela, o argumento do morador:

Deixa nítido para as pessoas onde está o racismo. Obviamente, ninguém precisa gostar do mural. E o problema não é o apagar em si, mas a questão é: gosto é algo construído culturalmente. Quando ele fala de gosto duvidoso é baseado em quê? Parte de quê? De que ponto de vista é um gosto duvidoso? É importante refletir sobre isso. O belo e o feio foram construídos, padrões de beleza são construções imagéticas, culturais. Antigamente, o padrão era grego. Padrão de beleza era europeu.

Esse padrão é manipulado pelos colonizadores. Por isso, é uma situação bem racista querer o apagamento. Quando não nos matam fisicamente, nos matam simbolicamente. Esse apagamento é uma forma de nos matar, de matar um discurso (CRIOLA, 2020).

A controvérsia em torno de Híbrida Ancestral nos faz perceber o quão tênue pode ser a linha que separa a questão de gosto de algo assustadoramente nefasto como é o caso do racismo. Os questionamentos que compõem a declaração de Criola expressam perfeitamente o problema. E para além dessas indagações, ainda podemos perguntar: será que é possível admitir uma Estética ocupada apenas com o deleite, com a satisfação dos sentidos?

2. Gosto se discute sim, contudo, racismo não é questão de gosto

Immanuel Kant dizia que é pelo gosto que julgamos um objeto ou representação, conforme a satisfação que ele pode nos causar. Para o filósofo, a obra de arte não seria a representação de uma coisa bela, e sim “a bela representação de uma coisa” (KANT apud ARANHA, 2012, p. 66). Desse modo, a obra pode representar o que for, contanto que atraia nossa atenção, provoque em nós sensações desconhecidas (ou adormecidas) e nos faça perceber a realidade de outra maneira, mesmo que de um modo chocante. Para David Hume, o sentimento seria a base do juízo estético, podendo-se observar a enorme diversidade e desacordo entre as pessoas e culturas, mas isso seria compatível com a existência de princípios gerais de gosto, aos quais as pessoas aderem, configurando o que chamou “padrão do gosto” (ALMEIDA, A. et al., 2007).

Assim, em nossa concepção, quando o morador do prédio diz que o mural **Híbrida Ancestral** é “uma decoração de gosto duvidoso”, ele

próprio está expressando um juízo de gosto, que é um tipo de juízo estético, conforme Kant. O juízo que o morador emite se refere ao desprazer que ele próprio experimenta diante da pintura, não à obra em si. É, portanto, algo inteiramente subjetivo. Hume, se vivo estivesse, talvez acrescentasse que o juízo de gosto manifestado por esse sujeito revela ainda sua aderência a um preconceito (o racial) que opera em nossa sociedade como uma espécie de padrão do gosto. Mas, para além de uma questão meramente estética, não podemos ignorar que o reiterado julgamento feito pelo morador configura uma demonstração de racismo que, evidentemente, deve ser combatido.

Nessa direção, entendemos que a função da Estética vai além da apreciação de gosto, tal como defende Feitosa:

Parece evidente que a arte apele mais aos sentidos e aos sentimentos do que à reflexão e à racionalidade. A arte é para sentir e não para pensar, apregoa-se por todos os lados. Essa evidência é, entretanto, questionável. Há também uma participação imprescindível da inteligência na fruição da beleza na obra de arte [...] (FEITOSA, 2004, p.111).

Por isso, em nossa proposta didático-pedagógica buscamos relacionar a Estética com a Ética, trazendo, além dos elementos que fazem parte da Filosofia da Arte, o caso da **Híbrida Ancestral**. Nesse ponto, cabe ressaltar que em Filosofia acontece uma discussão em torno da delimitação do que seja Filosofia da Arte e Estética. A compreensão desses conceitos não é unânime. Trata-se de algo que tem sido construído por aproximações e distanciamentos. Ora são tratadas como pertencentes a um único domínio, ora como disciplinas distintas, ou ainda, a Filosofia da Arte como um domínio especializado da Estética (ALMEIDA, A. et al., 2007). Tendo isso em conta, nos valem

dos dois termos já que exploramos tanto a questão de definição de Arte quanto a experiência estética, no que tange ao gosto.

À luz dessa questão, nossa prática de ensino começou com o problema da definição de arte. Ao longo do tempo, vários filósofos têm procurado responder a esse questionamento, apresentando distintas definições. No entanto, optamos por utilizar um pequeno recorte dessa discussão, qual seja, as teorias dos filósofos gregos Platão e Aristóteles¹⁶, a partir das obras **República** (c. 380 a.C.) e **Poética** (c. 335 a.C.), respectivamente. Ao encontro disso, inserimos no material oferecido aos estudantes imagens das obras de alguns artistas e junto indicamos *websites* através dos quais poderiam conhecer mais sobre Frida Kahlo, Jean-Michel Basquiat, Marcel Caram, René Magritte, Kandinsky, dentre outros.

Na continuação, passamos à questão de gosto, tendo como suporte as teorizações dos pensadores já aqui citados Kant, com o texto **Crítica da faculdade do juízo** (1790), e Hume, a partir do texto **Do padrão do Gosto** (1742). Para este estudo mostramos aos alunos imagens das obras **Os retirantes** (1944) e **A cabeça VI** (1949) dos artistas Candido Portinari e Francis Bacon, respectivamente¹⁷. Em seguida, entramos na discussão da obra **Híbrida Ancestral**. Para tanto, além da exposição do fato descrito no material disponibilizado aos estudantes, incluindo a

¹⁶ Platão pensava que toda arte se constituía pela imitação e que a representação não comprometida com a verdade, expressa pela tragédia e pela comédia, por exemplo, seria digna de censura. Aristóteles, contudo, pensava que as pessoas podiam aprender com as imitações e, em vez de censurar a arte, tentou antes classificar e caracterizar diferentes tipos de imitação. A ideia de Aristóteles era mostrar que diferentes artes imitam coisas diferentes ou de maneiras diferentes (ALMEIDA, A., TEIXEIRA, MURCHO, 2013). Na atividade realizada, exploramos essa distinção junto aos estudantes. Para este artigo, entretanto, priorizamos a apresentação do caso Híbrida Ancestral.

¹⁷ Os *links* para acesso às imagens citadas estão disponíveis nas Referências ao final deste artigo.

imagem do grafite da artista, adicionamos o *link* que dá acesso ao abaixo assinado¹⁸ em prol da permanência da obra no seu local, caso quisessem se engajar na campanha. De modo a problematizar a questão de gosto com a discussão do racismo, criamos um fórum dentro do *Google Classroom* intitulado *aesthesis*, lançando as seguintes questões: “O que é arte e para que ela serve?”; “Gosto se discute?”; e “O mural **Híbrida Ancestral** é uma discussão de gosto em relação à Arte ou trata-se de um caso de racismo? Por quê?”. São algumas das respostas dadas para essas indagações que apreciamos nesta seção.

Como metodologia de análise das produções discursivas, nos valem da técnica de pesquisa qualitativa da observação participante, pela qual os objetivos do estudo são apresentados aos envolvidos desde o seu início, conforme descrevem Lüdke e André (1986, p. 29). Desse modo, seguimos com a proposta das autoras, examinando as respostas dos estudantes por meio da análise de conteúdo — representado pelas palavras e expressões citadas —, com foco nos aspectos políticos, filosóficos e éticos do material coletado.

O primeiro ponto destacado é a recorrente compreensão dos estudantes de que a arte é uma forma de expressão e não imitação e/ou representação da realidade. Esse entendimento evidencia-se nos três seguintes comentários¹⁹: 1) “A vejo como um meio de expressão que, por muitas vezes, não necessita de palavras ou beleza” (A.); 2) “Eu procuro pensar que arte é aquilo que as pessoas podem utilizar para expressar-se” (B.); 3) “Arte pra mim é criação e liberdade de expressão” (C.). Para além disso, houve também a identificação de um caráter mais político, como no seguinte caso: “Ela pode e deve ser usada para confrontar/concordar com ideias, movimentos e acontecimentos, ou seja, ela é uma arma que nos ajuda a estimular o senso crítico” (A.). Tal

¹⁸ Para detalhes, acesse: AVAAZ.

¹⁹ A fim de preservar as identidades dos estudantes, utilizamos letras do alfabeto como identificadores.

perspectiva corrobora o discurso que costuma acompanhar a arte do grafite, como já mencionado, além de reforçar a compreensão de Feitosa (2004) acerca da parceria entre Filosofia e Arte, bem como a nossa.

Em torno da **Híbrida Ancestral**, notamos que a maioria dos estudantes compreendeu o caso como uma coisa que ultrapassa a questão de gosto, dado que evoca um tema ainda mais complexo, qual seja, o racismo:

Acredito que o caso do mural não é uma questão de gosto. Eu posso não gostar de um determinado filme, mas não vou processar o diretor por fazê-lo. O morador (e o único), na sua ignorância, não compreendeu nem buscou tal compreensão sobre a obra e, baseado no seu preconceito racial, quis excluí-la (D.).

Para um melhor entendimento do assunto, recorreremos novamente às palavras de S. Almeida:

[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam. (ALMEIDA, S., 2018, p. 25, grifos do autor).

Ora, se o racismo tem por base o conceito de raça, falamos aqui de algo relacionado à ideia de classificação, neste caso, à categorização dos seres humanos em função de suas características fenotípicas, como a cor de pele, o que é absurdo, visto que a história já comprovou a ausência de diferenças biológicas ou mesmo culturais capazes de justificar tal tratamento (ALMEIDA, S., 2018). No entanto, reiteradamente nos deparamos com pessoas e instituições que ignoram

essas evidências e apelam às desculpas mais variadas, dentre elas, a questão de gosto: “Gosto não se discute, pois cada um tem uma opinião diferente” (E.). Por isso mesmo, é preciso estar atento às múltiplas facetas que o racismo pode assumir, das mais discretas às mais explícitas.

Atualmente, a terminologia racista pende menos para o lado biológico e para os opostos “superioridade” e “inferioridade” racial. A inclinação agora é para os conceitos de “cultura” e “diferença” (KILOMBA, 2019, p. 112), como pode ser percebido na sequência do comentário já citado: “A nossa cultura é diversa, mas não acho que seja racismo, talvez intolerância ou falta de bom senso das pessoas” (E.). Infelizmente não podemos indicar com precisão a compreensão que o estudante tem de cada um dos termos envolvidos em seu próprio comentário, mas notamos certo nível de confusão ao considerar esses dois excertos no conjunto de suas próprias falas.

Ainda com relação ao vocabulário, nos comentários tecidos pelos discentes percebemos a presença de expressões e termos que integram o debate sobre o racismo, como “racismo enraizado”, “pessoas preconceituosas”, “homem branco”, “pessoa negra”, “mulher preta”, “preconceito”, “cultura afro-brasileira”, “pele negra”, “mulheres negras”, “diversidade” e “intolerância”. A respeito disso, Ribeiro aconselha:

Não tenha medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seu sentido e implicações. A palavra não pode ser tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos — mais grave é não reconhecer e não combater a opressão (RIBEIRO, 2019, p. 21-22).

Levando isso em conta, reconhecemos em nossa experimentação com os educandos um aspecto inicial relevante para a educação antirracista. Por outro lado, quando temos em mente que o racismo pode estar disfarçado (ALMEIDA, S., 2018), compreendemos a ocorrência de algumas posturas mais receosas, do tipo: “Não me arrisco a comentar sobre um assunto tão delicado” (F.) ou então “Não sei ao certo se é um caso de racismo porque a pessoa não disse abertamente o motivo de não concordar com a pintura” (B.). Frente a isso, explicamos aos estudantes que a suposta neutralidade é, na verdade, uma tomada de posição bastante arriscada, já que fortalece o discurso predominante de certos indivíduos e instituições.

É preciso lembrar, como bem observa S. Almeida (2018), que existe o racismo que ocorre na esfera da individualidade, mas também há o racismo institucional, cujo conceito representa um avanço no campo dos estudos sobre relações raciais. O racismo institucionalizado “[...] opera de tal forma que coloca os *sujeitos brancos* em clara vantagem em relação a outros grupos racializados” (KILOMBA, 2019, p.78, grifo da autora). Trata-se de um padrão de comportamento que ocorre dentro das mais variadas instituições, tais como escolas, empresas ou até mesmo o Estado. Além disso, a concepção institucional evidencia que a noção de poder está no cerne do problema, na medida em que se compreende que o racismo consiste em dominação, seja de um indivíduo sobre outro, seja de grupos que encontram respaldo nas instituições (ALMEIDA, S., 2018). A desigual distribuição de poder também foi percebida por alguns estudantes, como revelam os seguintes comentários:

O caso do mural da artista Criola, na minha visão, depois de ter estudado muito sobre o assunto, é um caso de racismo. Se, no lugar da mulher preta segurando um útero, fosse um homem branco, não haveria discórdia (G.).

Creio que possa ter sido racismo, xenofobia e machismo. A obra enaltece a mulher preta, que se encontra nua, com acessórios de sua crença e o útero em evidência, sendo assim, essas características despertam a fúria de pessoas preconceituosas, não apenas do prédio, mas com certeza do mundo (H.).

No primeiro caso, a expressão “mulher preta” é posta em contraste com “homem branco”, de modo a enfatizar não só como o poder se distribui em função da raça, mas também com base no gênero. Na mesma direção, o segundo comentário reforça a ideia de que “[...] construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de ‘raça’ e na experiência do racismo” (KILOMBA, 2019, p. 94). Ou seja, as reflexões sobre gênero e racismo devem ocorrer conjuntamente, dado que ambos os conceitos estão imbricados.

S. Almeida (2018) também afirma que por trás do racismo institucionalizado há uma camada mais profunda, pois a atuação das instituições está condicionada sempre a uma estrutura social que as antecede. Assim, se as instituições disseminam o racismo é porque a sociedade mesma é racista, ou seja, o racismo está impregnado na própria estrutura da sociedade, daí o termo estrutural. Dentre os comentários dos estudantes identificamos um termo semelhante, a saber, “racismo enraizado”:

Me parece mais um caso de *racismo enraizado* do que questão de gosto. Se todos os moradores foram a favor e apenas ele não, poderia ter se conformado e deixado quieto, mas a pintura o incomodou tanto que foi atrás de uma ação para tentar apagá-la. Cabe a pergunta: se fosse outra pintura, ele faria isso tudo, ou só se incomodou

por ser uma homenagem aos pretos? (l., grifo nosso).

O questionamento ao final do comentário é bastante pertinente, sobretudo se considerarmos que pessoas negras sofrem exclusão da maioria das estruturas, sejam de caráter social, econômico ou político. Dito de outro modo, as “[...] estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos” (KILOMBA, 2019, p. 77). Nesse sentido, pode-se dizer que o racismo corresponde à norma, ou seja, não se trata de uma exceção (ALMEIDA, S. 2018).

Por último, destacamos a seguinte anotação: “Inicialmente não consegui ver nada que *denegrise* ou ofendesse, achei que tinha sido mais uma implicância do morador, mas voltei a ler sobre a matéria e entendi melhor. Com certeza é um caso de racismo” (J., grifo nosso). Selecionamos a fala de um discente que, apesar de perceber que a obra **Híbrida Ancestral** foi alvo de racismo, o que revela um movimento de seu próprio pensamento, acabou por utilizar o verbo “denegrir”, que significa “tornar negro”, como se a negritude fosse algo negativo. Tal ocorrência, quando tomada junto a outras de caráter racista, compõe o chamado racismo cotidiano, descrito da seguinte forma:

[...] não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família... (KILOMBA, 2019, p. 80).

A essa explicação de Kilomba acrescentamos “em um trabalho artístico”, levando em consideração o grafite com o qual aqui

trabalhamos. Quanto ao termo “denegrir”, sabemos que faz parte de um coletivo de palavras e expressões que reproduzem e perpetuam o racismo de maneira tão habitual que, muitas vezes, nem percebemos ou sequer temos ciência disso. Entretanto, entendemos que passa pela educação antirracista também a desconstrução dessa herança que permaneceu em nosso vocabulário.

3. Breves considerações de desfecho

Pensar o racismo como um problema estrutural não isenta os indivíduos ou as instituições da responsabilidade por seus atos, como pondera S. Almeida (2018), mas sim potencializa o dever de todos na luta antirracista. Nesse sentido, discorremos ao longo deste artigo sobre uma possibilidade de contribuição à educação antirracista. Na seção introdutória, contextualizamos a prática didático-pedagógica, indicamos o referencial teórico que nos motivou e serviu de embasamento para o seu desenvolvimento e considerações pertinentes à estratégia de ensino que buscou promover rupturas dos discursos racistas enraizados nos alicerces da educação. Na segunda seção, abordamos de forma breve questões envolvendo a transversalidade e as discussões sobre o lugar da Filosofia no currículo a partir das orientações presentes em documentos que regem a Educação Básica brasileira. Em seguida, passamos à transversalização entre Filosofia e Arte e à descrição do caso da obra **Híbrida Ancestral: Guardiã Brasileira** (2018), o que nos permitiu problematizar a questão de gosto e promover a discussão crítico-reflexiva sobre o racismo. Na quarta seção, ensaiamos uma análise reflexiva sobre as produções discursivas elaboradas pelos estudantes, considerando aspectos filosóficos, éticos e políticos.

Sobre a opção pela obra da artista Criola, ressaltamos que sua relevância vai além dos aspectos da discussão sobre a questão de gosto,

uma vez que nessa escolha somamos outros elementos, tal como o fato de tratar-se de uma mulher negra e artista urbana brasileira que usa o grafite como caminho para a conscientização e ruptura das práticas racistas. Nesse sentido, tal como pensado por hooks e Foucault, na conjunção da Filosofia, no âmbito da arte e da autoatualização, a estratégia aplicada e a sua reflexão possuem potencialidades de transformação do pensamento tanto dos estudantes como das professoras envolvidas, sempre em busca da cura do próprio discernimento.

Sabemos que há muito a ser feito ainda, mas entendemos que nossa proposta leva em conta as especificidades já comentadas da Filosofia, representa o nosso modo de trabalhar com a disciplina e se mostra como uma ação potente que soma à luta contra o racismo. Nessa luta, a saída apontada por S. Almeida (2018) para combater o problema consiste na implementação de práticas antirracistas efetivas, não apenas de forma individual, mas principalmente por meio das instituições. E para que mudanças significativas ocorram nas relações sociais, parece-nos imprescindível o exercício da reflexão crítica sobre tais assuntos.

Por fim, tendo em vista o que é defendido por Ribeiro (2020), a saber, que lançar mão de autoras e autores negros na educação se configura uma ação antirracista, salientamos que, ao mesmo tempo em que esse texto traz um relato de experiência já efetuada, apresenta também uma sugestão que pode ser reproduzida ou adaptada para outros espaços formativos. Num movimento de reconhecer também nossa responsabilidade como agentes dentro de um sistema, mais especificamente como educadoras na luta antirracista, buscamos colocar em ação uma atividade que abrangesse também a escola enquanto instituição social, tornando-se assim um espaço efetivo para a discussão sobre o racismo.

Referências

- ALENCAR, Marta Vitória de. Disciplinaridade e interdisciplinaridade: o ensino da filosofia num contexto de crise de referenciais. In: SECCO, Gisele Dalva (Org.) **Epistemologia e Currículo**: registros do II Workshop de Filosofia e Ensino da UFRGS. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UFRGS, 2016. p. 69 - 94.
- ALMEIDA, Aires; et al. **A arte de pensar** – Filosofia 10º ano. Vol.2. Lisboa: Didáctica Editora, 2007.
- ALMEIDA, Aires; TEIXEIRA, Célia; MURCHO, Desidério. **50 Lições de Filosofia**: 10º ano - Manual do Professor. Lisboa, Plátano Editora, 2013.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ANPOF. Carta do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar. **Sem Filosofia Não Tem Base**. Brasília, 2021. Disponível em: <[https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%CC%83o%20tem%20base%20\(1\).pdf](https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%CC%83o%20tem%20base%20(1).pdf)>. Acesso em: 30 mai. 2021.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofar com textos**: temas e história da Filosofia. Volume único. São Paulo: Moderna, 2012.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Eudoro de Sousa. 8. ed. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- BACON, Francis. **A cabeça VI**. 1949. Óleo sobre tela. Disponível em: <<https://artscouncilcollection.org.uk/artwork/head-vi>>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- BRASIL. **Lei Nº 4.591, de 16 de dezembro de 1964**. Dispõe sobre o condomínio em edificações e as incorporações imobiliárias. Brasília: Presidência da República, 1964. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4591.htm>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2021.

CAFÉ, Cleverson. Grafite e Slam como expressões contemporâneas da resistência e da ancestralidade. In: Centro de Promoção de Agentes de Transformação (Org.). **Sociedade e Racismo**: 3º encontro virtual. Curitiba: CEPAT, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/jbKunv6LY2U>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CRIOLA. **Híbrida Ancestral** – Guardiã Brasileira. Belo Horizonte: Circuito Urbano de Arte (CURA), 2018. Grafite em fachada cega do edifício Chiquito Lopes, 1365 m².

_____. **Polêmica**: mural do Cura expõe linha tênue entre estética e racismo. Entrevista concedida ao Jornal Estado de Minas [*online*], Minas Gerais, 06 dez. 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/12/06/interna_gerais,1217807/polemica-mural-do-cura-expoe-linha-tenue-entre-estetica-e-racismo.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CURA 3: Mural Criola. Minas Gerais: CURA, 2018. Vídeo em meio eletrônico (1 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fwE6CI6TJVE>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com Arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FOUCAULT, Michel. O filósofo mascarado. In: _____. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e Histórias dos Sistemas de Pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 314-321.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HUME, David. O padrão do gosto. In: _____. **Ensaio morais, políticos e literários**. Tradução de Antônio Sérgio et al. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1992 (Coleção Os Pensadores). p. 262 - 271.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Capítulo 3. Métodos de Coleta e dados: observação, entrevista e análise documental. In: _____. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, p. 25-44.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e António Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PLATÃO. **A República**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2018.

PORTFÓLIO Criola. Circuito Urbano de Arte. Disponível em: <<https://cura.art/portfolio/criola/>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

PORTINARI, Candido. **Retirantes**. 1944. Óleo sobre tela. Disponível em: <<https://masp.org.br/busca?search=retirantes>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Racismo no Brasil**: todo mundo sabe que existe, mas ninguém acha que é racista. Entrevista concedida a Laís Alegretti. BBC News Brasil, São Paulo, 06 jun. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599733-racismo-no-brasil-todo-mundo-sabe-que-existe-mas-ninguem-acha-que-e-racista-diz-djamil-ribeiro?fbclid=IwAR2J-u5Q_6SdsAw1Njxmir0VZ3MEr-LG6I_RpLQwwKZmQUG1ArFd-m4E9B8> Acesso em: 30 mai. 2021.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e Currículo**. 2. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

_____. Ensino de Filosofia e sensibilidade à ocasião. In: NOVAES, José L. C.; AZEVEDO, Marco A. O. (Orgs.). **A Filosofia e seu ensino**: desafios emergentes. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 41-55.

_____. **Quando ninguém educa**: questionando Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2017.

SECCO, Gisele. Prefácio da Segunda Edição. In: ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e Currículo**. 2. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

NOTAS DE AUTORIA

Daiane Cristina Faust é Mestre em Educação e Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas e Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente é Professora de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - *Campus* Farroupilha.

Contato: daiane.c.faust@gmail.com

Isabel Cristina Dalmoro é Doutoranda e Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Licenciada e Bacharela em Filosofia pela mesma Instituição, Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas e Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente é Professora de Filosofia da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul e Professora de Ensino Religioso da Prefeitura Municipal de Capão da Canoa/RS.

Contato: isadalmoro.filosofia@gmail.com

Celso Eduardo Santos Ramos (orientador) é Mestre Profissional em Filosofia e Ensino e Especialista em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Mestre em Ciências da Arte, Licenciado e Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense e Graduado em Educação Artística com Habilitação em Música pelo Conservatório de Música de Niterói. Atualmente é Professor de Arte e Filosofia da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro.

Contato: celsoramos@id.uff.br

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

FAUST, Daiane Cristina; DALMORO, Isabel Cristina; RAMOS, Celso Eduardo Santos. Híbrida Ancestral - Guardiã Brasileira: uma discussão para além da Estética. [Sobre Tudo](#), v. 12, n. 2, p. 99-126, 2021.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista [Sobre Tudo](#) os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista [Sobre Tudo](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 20/09/2021

Aprovado em: 09/12/2021

Publicado em: 16/12/2021